

TABU LINGUÍSTICO NAS DENOMINAÇÕES DADAS À MULHER HOMOSSEXUAL NO MARANHÃO: PENSANDO PAPÉIS SOCIAIS DOS GÊNEROS NA SOCIEDADE

Luís Henrique Serra
Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Letras - Bacabal,
Maranhão - Brasil
luis.henrique@ufma.br
<https://orcid.org/0000-0001-8796-044X>

Amanda Gomes Mourão
Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Letras - Bacabal,
Maranhão - Brasil
amanda.gm@discente.ufma.br
<https://orcid.org/0009-0001-2893-8733>

RESUMO: Analisam-se as denominações dadas à mulher homossexual no estado do Maranhão, estado localizado na região da Amazônia Legal. A análise busca apresentar aspectos do tabu linguístico relacionado à sexualidade e reunir traços de uma imagem social relacionada à mulher no imaginário social. Dessa forma, problematiza-se a questão da homossexualidade e de que forma ela tem sido compreendida nos tempos atuais. Parte-se do pressuposto de que as denominações dadas a mulher homossexual são formas de cristalização de uma mentalidade de uma sociedade patriarcal em que a mulher deve apresentar comportamentos pré-estabelecidos. O trabalho se insere entre os estudos do léxico e do tabu linguístico. Os dados foram coletados por meio de entrevistas no município Vitorino Freire, na região Central do Maranhão, com 35 participantes com um perfil socioeconômico que abarque uma identidade social que representa uma estratificação social daquele município. As entrevistas foram realizadas de modo espontâneo por meio de pesquisa de campo. Os dados desta pesquisa foram analisados a partir de uma discussão no campo das ciências humanas que tematizam a questão tabu sobre a sexualidade e a mentalidade social que se cristaliza no léxico. Os resultados mostram que as denominações dadas à mulher homossexual apresentam significados relacionados a tabus e que revelam uma consciência conservadora ainda hoje sobre a questão da homossexualidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Lexical. Tabu Linguístico. Homossexualidade. Maranhão.

LINGUISTIC TABOO IN THE DENOMINATIONS GIVEN TO HOMOSEXUAL WOMEN IN MARANHÃO: THINKING ABOUT SOCIAL GENDER ROLES IN SOCIETY

ABSTRACT: The names given to homosexual women in the state of Maranhão, a state located in the Legal Amazon region, are analyzed. The analysis seeks to present aspects of the linguistic taboo related to sexuality and bring together traces of a social image related to women in the social imagination. In this way, the issue of homosexuality and how it has been understood in current times is problematized. It is assumed that the denominations given to homosexual women are forms of crystallization of a mentality of a patriarchal society in which women must present pre-established behaviors. The work falls between the studies of lexicon and linguistic taboo. Data were collected through interviews in the municipality of Vitorino Freire, in the Central region of Maranhão, with 30 participants with a socioeconomic profile that encompasses a social identity that represents a social stratification in that municipality. The interviews were carried out spontaneously through field research. The data from this research were analyzed based on a discussion within the field of human sciences that addresses the taboo issue of sexuality and the social mentality that crystallizes in the lexicon. The results show that the names given to homosexual women have tabooed meanings and that they reveal a conservative awareness even today on the issue of female homosexuality.

KEYWORDS: Lexical Variation. Linguistic Taboo. Homosexuality. Maranhão.



INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos têm perspectivas diversas, dentre elas, o estudo da relação língua e sociedade, uma relação que se sistematiza, a partir de várias questões que têm um tom que é social, calcado em fatos e condições de produção. Olhando para a sociedade brasileira como um todo, vemos a diversidade cultural, linguística, religiosa e, não menos importante, a diversidade das diferentes manifestações da sexualidade humana. Nos últimos tempos, tem sido possível observar um movimento muito intenso de aceitação da diversidade e de negação de um padrão pré-estabelecido, o que tem causado profundas mudanças nas atitudes e nas crenças das pessoas, de um modo geral.

Nesse contexto, o Maranhão, o único estado da região nordeste que está relacionado entre os estados que compõem a região da Amazônia Legal, apresenta, na sua estrutura física e social uma diversidade natural, de manifestações culturais, de modos de vida e de comportamento social. É notório que, em situações sociais em que a mulher tem que enfrentar circunstâncias de dificuldades econômicas, como é a maioria dos estados da região da Amazônia Legal (assim como o lócus em que foram coletados os dados desta pesquisa), ela, muitas vezes, tem que encarar dificuldades que estão relacionadas ao comportamento social e que a colocam em perigo pelo simples fato de sua existência. Nesse sentido, a própria existência da mulher é, muitas vezes, ameaçada por conta de uma mentalidade machista, que se impõe sobre a cultura, os comportamentos pré-estabelecidos a todos os indivíduos da sociedade.

Nesse sentido, também é evidente que o tradicionalismo e o conservadorismo, na maioria das vezes, acompanham a pobreza e a vulnerabilidade que muitas mulheres vivem na sociedade e a ideia de uma mulher ter a liberdade econômica, social ou sexual é visto como um problema e que precisa ser punido. Nesse contexto de problemáticas, não é possível isolar a figura da mulher homossexual, que, muitas vezes, é quem é um alvo desejado de discursos totalitários e contra a igualdade entre os gêneros. Considerando o espaço socioeconômico-cultural da Amazônia Legal e as temáticas e desafios para o desenvolvimento dessa região, cumpre colocar a imagem da mulher em suas múltiplas manifestações.

É na perspectiva de observar a língua por meio das palavras e dos sentidos que nascem da complexidade social em que a mulher da Amazônia Legal se encontra é que esta pesquisa se centra. Tomam-se, como amparo teórico e metodológico, os estudos lexicológicos e os estudos sobre o tabu linguístico (Biderman, 2002; Guérios, 1979) que se manifesta a partir dos papéis sociais determinados para os homens e para as mulheres e que podem ser verificados no léxico de uma língua. Diante disso, este trabalho é desenvolvido com o objetivo geral de registrar denominações dadas ao homossexual feminino no Maranhão e suas variantes, mais especificamente, na cidade de Vitorino Freire, cidade localizada na Região Central do Maranhão e aproximadamente a 320 quilômetros da capital do Maranhão, São Luís. Como objetivos específicos, buscamos, a partir do conhecimento do léxico, destacar a presença do tabu existente nas formas de referenciar a pessoa

homossexual e também analisar como essas denominações auxiliam na percepção de uma ideologia relacionada à imagem “padrão” da pessoa do sexo feminino.

Além dos estudos da Lexicologia e trabalhos sobre o Tabu Linguístico (Biderman, 2002; Guérios, 1979, colaboraram para a investigação e para a discussão sobre as ideologias vigentes na nossa sociedade, estudos e ideias no campo das ciências humanas e sociais de um modo geral, principalmente os estudos sobre a história da sexualidade humana. Para fins referenciais, no campo dos estudos do léxico, utilizamos como pressupostos os trabalhos de Biderman (2001), para uma abordagem sobre as Ciências do Léxico, mais precisamente, sobre o Léxico e a Lexicologia; Guérios (1979), como base para a fundamentação das ideias sobre Tabus Linguísticos (usar a referência nos momentos anteriores que o autor foi citado); Foucault (1988), como linha geral de pesquisa sobre a História da Sexualidade, contendo um enfoque sociológico e historiográfico importantes e Leitão (1981) com o texto “A Mulher na Língua do Povo”, que coaduna com as reflexões sobre a imagem da mulher na sociedade, especificamente, da mulher homossexual, entre outros estudos que tomam a questão social das imagens sociais dos indivíduos.

LÉXICO E LEXICOLOGIA

Ao utilizar a língua em todas as manifestações sociais, históricas e culturais, o indivíduo demonstra seus gostos, preferências, hábitos, o que pensa de bom ou de ruim sobre determinadas coisas. Tal característica, de exprimir o que pensa por meio da língua, pode ser demonstrada da análise do léxico, “numa realidade em que tudo se transforma, estranho seria se justamente as línguas não mudassem”, (FARACO, 2005, p. 73). Dessa forma, o léxico está em constante transformação e adequação à realidade de cada indivíduo e a grupos a que pertence.

A concepção que pensamos ser adequada para este trabalho é a de que o léxico de uma língua natural, conforme Biderman (2001), é o lugar onde se constitui uma forma de registrar o conhecimento, as experiências e as concepções do mundo. Sua importância está no fato de que a nomeação é o modo pelo qual o homem registra o conhecimento e o mundo ao seu redor. É esse fazer que está na base do léxico, já que todas as coisas ao nosso redor têm um nome.

O léxico também é um objeto de estudos de uma ciência, denominada Lexicologia. Ainda de acordo com Biderman (2001), a Lexicologia é uma ciência antiga que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. A Lexicologia nos ajuda a entender como, a partir da análise da palavra, podemos compreender as diversas formas de referenciar ideias e conceitos relacionados às coisas de um modo geral. Sabemos que estudar a palavra e não se ater ao conteúdo de significação não é uma estratégia eficaz e não é o que deve ser feito. Biderman (2001, p. 08) fortalece a ideia de relação entre os estudos de Semântica e da Lexicologia. A última, “por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Entendemos, portanto, que para denominar o modo de ser de uma pessoa, pode haver

várias denominações que foram se cristalizando ao longo dos séculos, e em cada uma delas existem significações, que expressam subjetivamente a intenção de escolha de um termo ao outro e como a escolha implica na percepção do tabu relacionado às imagens sociais.

Desse modo, o acervo lexical de uma dada comunidade é o espelho da mentalidade dessa comunidade. O léxico, desse modo, revela os modos de pensar, os comportamentos e as expectativas dos falantes. Nesse sentido, as denominações dadas aos seres, às situações e às crendices de um povo são um rico acervo da consciência social.

TABU LINGUÍSTICO

Em meio às várias expressões da língua, observamos o seu caráter mutável, que se adequa e é capaz de variar a partir de vários fatores que são internos e externos ao sistema linguístico. É a partir desse fato que entendemos que os espaços na sociedade não são livres de fenômenos que organizam e identificam as pessoas que compõem esses espaços. Nesse sentido, é importante lembrar que as pessoas se unem por propósitos em comum e se separam por divergências que ocorrem em níveis sociais, econômicos, culturais etc. Dessa maneira, considerando os grupos e as regras da nossa sociedade, reunimos na língua aqueles temas que são passíveis de serem proferidas em cada um desses espaços, levando em consideração a preexistência de discursos sobre o ideal, o certo, o que se qualifica para ser dito. É nessa visão que o “tabu” se configura, no fato de existirem coisas que não são permitidas, silenciadas, são temidas ou proibidas.

Para dizer o que é tabu linguístico, e explicar o porquê da categoria de linguístico e não simplesmente “tabu”, Guérios (1979, p. 37) explica que “a palavra não é sinal cômodo, prático, para denotar a coisa, senão a substância, a alma própria da coisa”, e isso quer dizer, basicamente, que a palavra, o nome das coisas não se separa do ser, que, ao representar aquilo que ele é, o nome está diretamente relacionado ao que é substancial, do próprio ser, parte dele que não se separa. Se dissermos ou fizermos algo é tabu, a palavra a qual usamos para se referir àquela coisa ou comportamento também é tabu.

De acordo com esses conceitos, de forma geral, podemos compreender a natureza linguístico-social do tabu linguístico, que consiste no entendimento de que em uma sociedade nem todas as coisas podem ser ditas, que os lugares idealizados dentro de um contexto histórico-cultural estão prescritos e isso se manifesta na língua. Os grupos e espaços sociais têm regras em que se pode ou não dizer algumas coisas e isso diz respeito tanto ao que os indivíduos acreditam em suas particularidades, quanto ao que eles pensam em um contexto social, de comunidade, em que as crenças, o moral e o respeito influenciam diretamente no produto dos enunciados.

A existência de tabu linguístico, apesar de ser aparentemente uma forma de “não dizer”, acaba tendo efeito contrário, pois as pessoas sempre buscam formas de amenizar os efeitos que as palavras têm em determinados enunciados, como uma forma de adequa-

ção, uma recriação permissiva do que não pode ser proferido. E é nessas tentativas que observamos a manifestação do tabu linguístico.

O TABU DO SEXO E DA SEXUALIDADE

Uma das formas evidentes de tabu na história é verificada nas coisas relacionadas ao sexo e à sexualidade. Na sociedade, impera uma ordem histórico-social intrinsecamente ligada ao jurídico e à política que, de certa forma, tem o controle das coisas que podem ser ditas. Foucault (1988) explica que, na era vitoriana, os discursos sobre o sexo e sexualidade, apesar de parecerem demasiadamente proibidos, o que acontecia era uma estratégia de mudança de lugar, de posição e de formas de falar sobre eles, não era literalmente proibição, mas o cuidado com que se tinha que dizer, onde dizer e para quem:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. | O casal, legítimo e procriador dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se ao princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. (Foucault, 1988, p. 08).

Nos padrões dos costumes mencionados por Foucault, a manifestação da sexualidade é de ordem única. Existe o lugar de ela acontecer, existem os sujeitos que dela podem usufruir e seus papéis, como se fosse um esquema igual a todos, uma norma, a maneira correta de ser. E mesmo nesse lugar de permissão do sexo, de fundamental exercício da sexualidade, as palavras, os gestos, as ações, tinham que ser policiados. A ideia do sexo tem que ser a de procriar e não de entregar-se aos prazeres. A partir disso, percebemos o quão difícil a enunciação do sexo seria e todas as coisas relacionadas a ele. Ora, se ele é em si tabuizado, logicamente as coisas e os nomes ligados a ele também são. A ordem quando desfeita geraria um descontrole, que fugiria das noções idealizadas sobre o sexo para aqueles que em tese buscavam a sua dominação:

Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso, o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível (Foucault, 1988, p. 19)

O controle dos discursos desencadeou nas pessoas a obrigação de minimizar os efeitos que a enunciação relacionada ao sexo ou à sexualidade poderia causar. A partir dessa perspectiva, podemos justificar a grande variedade de denominações e expressões populares para o ato do sexo e para a manifestação da sexualidade como uma forma de diminuir os valores expressivos delas, mas também como uma forma de demonstrar

pleno poder sobre esses elementos. Na atualidade, o que percebemos é um afastamento, mesmo que pequeno, dos ideais de sexualidade da era vitoriana. As formas de se referir, de se expressar, foram “atualizadas”, vemos, portanto, que os discursos sobre o sexo e sobre a sexualidade ainda são visivelmente censurados, mascarados, inclusive por meio de formas linguísticas diferentes de referenciá-lo. Séculos depois da era vitoriana, a sexualidade das pessoas ainda é julgada, discriminada, e a pessoa homossexual é demonizada de diversas formas, que ultrapassam os níveis linguísticos e chega à agressão física e até a morte.

Desse modo, como o léxico revela a realidade e os costumes de um povo, ele também traz revelações sobre o tabu vigente na sociedade. Nesse contexto, o propósito deste trabalho é observar, a partir das denominações dadas à mulher homossexual, um tabu ou um modelo de sexualidade que busca o controle das manifestações das sexualidades e as práticas sociais de forma indireta ou invisível, só se revelando em alguns poucos elementos identitários, como é o léxico.

O ENIGMA DE UMA SOCIEDADE PATRIARCAL: A REPULSA AOS HOMOSSEXUAIS E À IMAGEM FEMININA

A desvalorização dos direitos das pessoas baseando-se na orientação sexual e identidade de gênero é um fenômeno predominante na sociedade moderna em diferentes grupos e que tem sido denunciada de forma mais concreta e ampla. O fenômeno da desvalorização e do preconceito contra a imagem feminina, como as outras formas de preconceito tornam ainda mais distante e dificultosa a luta de diversas pessoas por igualdade e asseguramento dos direitos básicos, inclusive o da vida. Por conta desse fenômeno, tem sido possível ver dados alarmantes que fazem referência à morte de mulheres em geral, e de pessoas LGBTQIAPN+.

Dados do G1, site de notícias da Globo¹ revelam que, em 2022, o Brasil bateu recorde de feminicídio, com uma mulher morta a cada 6 horas, e uma das justificativas apresentadas no texto é “a ascensão de movimentos conservadores que defendem a manutenção da desigualdade de gênero nas relações sociais”, o que demonstra que as noções e os direitos humanos são desrespeitados graças a conceitos de gênero que ainda estão distantes de serem compreendidos e encaradas sem o filtro de um preconceito. Nesse contexto, as mulheres são vítimas do machismo que determina os papéis e as posições sociais dos sexos; um sistema conservador que age no sentido de fazer com que imagens e mitos relacionados aos dois sexos sejam preservados. Esses discursos trazem consigo a ideia que firma uma posição inferior às mulheres e, superior aos homens, marcando diferenças, injustiça e suspensão de direitos humanos.

Essas ideias coadunam com noções sobre homossexualidade que também são atravessadas por ideais de heteronormatividade, e esse fato evidencia a extrema importância dos debates sobre as questões de gênero. Tanto a homossexualidade feminina quanto a masculina vão ao encontro de uma só questão: O que é ser mulher? Como conceituamos

¹ Disponível em: Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas | Monitor da Violência | G1 (globo.com) . Acesso em: 16 de Dez. 2023.

a imagem feminina e o papel das mulheres na sociedade? Precisamos de um modelo para isso? Depois de várias leituras e observando a sociedade no cotidiano, a memória social, bem como nos dados obtidos nesta pesquisa, é possível perceber que a grande problematização envolve o que pode ou não ser mulher, ou parecido com mulher, imagens sociais predeterminadas para os homens e para as mulheres.

Neste artigo, enfatizamos a imagem feminina, porque, para além de muitos outros fatores, motiva repulsa aos homossexuais de um modo geral: o fato de que o homem não pode se parecer menos homem e “diminuído” ao nível de ser mulher, e que a mulher não pode ter suas características femininas corrompidas e assimiladas ao que é ser homem (isso pensando em uma lógica patriarcal, heteronormativa e conservadora) é muito forte nessas imagens construídas historicamente. Nessa perspectiva, a imagem ideal de homem e de mulher deve ser o oposto da imagem dos homossexuais.

Com isso, uma hipótese possível é que, nas denominações dadas à mulher homossexual, é possível observar uma imagem desejada para o sexo feminino. Em outras palavras, por trás das denominações dadas ao homossexual feminino, é possível observar a imagem do que é ser mulher na perspectiva social. O caminho que a pesquisa toma é o da negação, ou seja, tudo aquilo que a mulher homossexual é aquilo que a mulher deve evitar ser.

CAMINHOS DA PESQUISA

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, escolhemos uma abordagem quali-quantitativa, com um método de recolha de pesquisa de campo. A hipótese de onde parte esta pesquisa é a de que a língua não é falada da mesma forma por todos os sujeitos de uma comunidade, já que cada comunidade possui características linguísticas que a distingue das outras, conforme já nos demonstra com muitos estudos do campo da Sociolinguística. No que se refere à abordagem qualitativa, faremos uma análise dos aspectos linguísticos e extralinguísticos das denominações encontradas, apresentando hipóteses que reforcem ideias gerais sobre o papel da mulher e da mulher homossexual na sociedade. Do ponto de vista quantitativo, apresentaremos uma análise geral de alguns padrões da comunidade que observamos, indicando, a partir das denominações mais frequentes, qual é a norma da comunidade de Vitorino Freire, no que diz respeito às denominações dadas à mulher homossexual.

Ainda do ponto de vista metodológico, esta pesquisa também é de natureza exploratória e de campo, porque tem como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário, que foi realizado em forma de entrevistas pessoais e *on line*. O local da pesquisa foi a cidade de Vitorino Freire, no estado do Maranhão, nas zonas urbana e rural do município: a área rural investigada é a do povoado Lagoinha, distante aproximadamente 5km da parte central do município. O município de Vitorino Freire fica no centro do Estado do Maranhão, próximo de cidades importantes, como Bacabal e Santa Inês.

As entrevistas foram realizadas com 35 participantes, dentre esses, pessoas do sexo feminino e masculino, pessoas declaradas cristãs evangélicas e católicas, com grau de escolaridade divididos em Ensino Fundamental e Superior, e idades entre 18 e 92 anos. Para este trabalho, selecionamos uma das perguntas feitas aos entrevistados: “Quais nomes você conhece que as pessoas dão às pessoas que relacionam com outras do mesmo sexo (feminino)?”. A partir deste questionamento, foi possível listar algumas denominações que serviram de objeto de análise para este estudo.

Na análise dos dados, fizemos uma leitura das denominações com o auxílio de três dicionários da língua portuguesa: O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss e Villar, 2001), o dicionário eletrônico Caudas Aulete, o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (Borba, 2005) e o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, ambos disponíveis na versão digital e com acesso aberto. Eventualmente, outros dicionários mais específicos foram também consultados, como o Cambridge Dictionary entre outras fontes que serão comentadas ao longo da análise.

A MULHER NA BOCA DO POVO: O TABU NAS DENOMINAÇÕES PARA A MULHER HOMOSSEXUAL

Nesta seção, apresentaremos os dados coletados na pesquisa, assim como considerações e interpretações baseadas no referencial teórico apresentado anteriormente. Os dados colhidos durante a pesquisa nos revelam muitas coisas interessantes da história do sexo, da sexualidade e algumas noções nela envolvidas sobre a imagem feminina. Certamente os dados compreendem um universo vasto, e que é importante para os conhecimentos da variação linguística no interior do Maranhão, um dos muitos universos que formam a Amazônia Legal brasileira. Depois de toda uma contextualização sobre tabu, iremos olhar para os nossos dados e descrever os pontos em que coincidem com o que o constitui e as diversas finalidades que a variação dos nomes apresenta.

No quadro 01, a seguir, apresentamos, na primeira coluna, um ranque das denominações mais frequentes, da mais mencionada a menos mencionada, considerando o cômputo geral dos dados. Na coluna 02, aparecem as denominações e na coluna 03 o quantitativo de vezes que a denominação apareceu como resposta dadas pelos participantes.

Quadro 01: Levantamento de dados sobre as denominações usadas para referenciar a mulher homossexual.

LEVANTAMENTO DE DADOS REFERENTES AOS NOMES QUE AS PESSOAS USAM PARA REFERENCIAR À MULHER HOMOSSEXUAL NA CIDADE DE VITORINO FREIRE-MA		
Os dados apresentados foram colhidos nas respostas dos entrevistados à pergunta: “Que nome você conhece que as pessoas usam para referenciar a pessoa que se relaciona com outra do mesmo sexo (feminino)?”		
RANQUE DAS VEZES QUE A DENOMINAÇÃO APARECE NO DISCURSO DOS PARTICIPANTES	DENOMINAÇÕES	NÚMERO DE VEZES QUE FOI CITADA
01	Lésbica	20
02	Saboeira	15
03	Sapatão	13
04	Sapatona	08
05	Gay	03

06	Sapata	01
	44	01
	Machão	01
	Bueira	01
	Veada	01

Fonte: própria.

Como se observa no quadro 01, de um modo geral, foram mencionadas 10 formas para mencionar a mulher homossexual e a denominação *lésbica* é a mais recorrente no discurso dos participantes da pesquisa. Enquanto a denominação *veada* é a menos frequente. A partir dessas constatações, passaremos a comentar essas denominações.

LÉSBICA

A palavra “lésbica” é um substantivo feminino, que significa “mulher homossexual”. Na etimologia, justifica-se a utilização deste termo, porque Safo, uma poetisa, que viveu em uma ilha grega chamada “Ilha de Lesbos” cantava o amor entre as mulheres, por isso “Lésbica”, em referência a “Lesbos”, local onde nasceu àquela que traduzia em suas poesias o amor das “lesbianas”. (cf. Houaiss e Villar, 2001; Caldas Aulete online). O dicionário afirma que a denominação lésbica é resultado da formação híbrida entre o grego e um sufixo do português: [F.: Do top. gr. *Lesb(os)* + *-ico*².], ou seja, a denominação vem de um topônimo grego *Lesbo* mais o sufixo *-ico*, no português. É interessante mencionar que os dicionários registram a denominação lésbica como subitem da entrada lésbico, como segunda opção o amor de uma mulher por outra.

Na entrevista feita na cidade de Vitorino Freire, constatamos que 20 pessoas citaram a denominação *lésbica*. Sendo a mais recorrente quando as pessoas foram questionadas sobre quais os nomes elas conheciam que as pessoas usavam para referenciar a mulher que se relaciona com outra do mesmo sexo. Como já dito, usar o termo *lésbica* para referenciar à mulher homossexual é o politicamente correto, entretanto, percebemos que conforme realizávamos as perguntas, os entrevistados sentiam-se desconfortáveis, e tentavam buscar o melhor jeito de referenciar à mulher homossexual, algumas vezes, os participantes da pesquisa, a partir de comentários ao longo da aplicação do questionário, até se questionavam se estavam realmente usando a palavra correta.

O uso dessa denominação com maior frequência é um dos apontamentos para a questão do tabu, porque ela demonstra que as pessoas usam as formas consideradas padrão para não usar os termos mais pejorativos ou que seriam mais reveladores da questão sexual. Desse modo, o uso de formas dicionarizadas ou politicamente corretas é uma das manifestações do tabu linguístico. Mesmo que exista ainda algumas dúvidas, elas conseguem externar a denominação de forma correta, com exceção de um caso, em que uma entrevistada não conseguia dizer o nome, dizia “lébris” invés de “lésbica”, tentava dizer claramente, mas não conseguia. É importante mencionar que a substituição e o dismor-

fismo de uma palavra também podem ser um indício de manifestação de tabu, conforme Guérios (1979).

SABOEIRA

Chamar uma mulher de “saboeira” no Nordeste é dizer que ela é uma mulher homossexual, mas, isso não é válido em todas as regiões. De modo geral, a palavra saboeira tem vários significados, de acordo com os dicionários Houaiss da Língua Portuguesa, Caldas Aulete, Michaelis da Língua Portuguesa e Priberam dicionário digital, o termo tem: em um primeiro caso, saboeira significa uma “mulher que vende sabão”, também é um “recipiente próprio para guardar o sabonete ou o sabão”, e outros significados relacionados à botânica, que nada tenha ligação com a mulher homossexual. São muitas as hipóteses da origem dessa denominação e a mais recorrente é a de que, na confecção de sabão, as verdadeiras “saboeiras” passavam muito tempo juntas, tendo contato umas com as outras. No entanto, essas são informações da memória social, que têm fonte na fala dos informantes, não se sabe ao certo a origem, mas a denominação sugere, a partir da explicação popular, que mulheres não deveriam ficar muito tempo a sós.

Usar o termo “saboeira” para nomear uma mulher homossexual apresentou-se, nos nossos dados, como pejorativo, mesmo ele sendo uma das denominações mais recorrentes no nosso corpus. Nos nossos dados, verificamos a ocorrência dessa denominação 15 vezes, o que aponta uma importante utilização dela pelas pessoas, o que conseqüentemente sugere que elas fazem uso dela no dia a dia. Dizer que uma mulher é saboeira, se pensarmos pela perspectiva que o nome foi originado desse contato entre as mulheres que faziam sabão, é viável o cunho pejorativo, apesar da impossibilidade de confirmar a origem dessa denominação, foi criado para denunciar o comportamento daquelas que estavam tendo contato com outras mulheres, o que não era permitido, num contexto histórico, e principalmente, se levarmos em consideração a religiosidade. Na história da humanidade, as mulheres nunca tiveram liberdade em relação aos seus corpos, a sua própria existência se configura em um tabu.

SAPATÃO

O top 3 da nossa lista, o termo *sapatão*, foi um dos mais citados pelos entrevistados, com 13 ocorrências. Ao que parece, em termos morfológicos, *sapatão* seria um substantivo masculino *sapato* flexionado em grau aumentativo, a partir do acréscimo da desinência *-ão*. Provavelmente, a ideia que fica em evidência nessa denominação é a de tamanho, denotada pela desinência que denota flexão de grau, ou seja, a mulher não poderia denotar traços considerados grosseiros ou de força. Nesse sentido, nossa hipótese é de que a maioria das pessoas querem transmitir, quando se dirigem a uma mulher homossexual usando *sapatão*, é a de que a mulher que é sapatão, é masculinizada, tem traços masculinos, “quer se parecer com homem”. Sim, *sapatão* é um substantivo masculino, que significa *sapato* de tamanho grande, e de acordo com Dicionário Unesp

do português contemporâneo (Borba, 2005), também significa “botina grosseira”. Nessa perspectiva, o que esse tipo de calçado tem a ver com as mulheres, com a imagem feminina? A verdade é que tudo isso é uma ideia ultrapassada que a sociedade tem sobre as imagens de homens e de mulheres e de seus “papéis”. Ainda no Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (Borba, 2005), vemos o sentido depreciativo de sapatão, que é “mulher homossexual; lésbica”. No verbete do dicionário Unesp, tem-se o trecho de uma passagem retirada do corpus que dá base ao dicionário e que serve de abonação do sentido pejorativo: “Que minha irmã não te ouça chamar uma feminista de sapatão”. A partir do exemplo citado no dicionário, é possível perceber a bagagem pejorativa que essa denominação carrega.

O jornalista Erick Krominski explica que a denominação sapatão foi criada na década de 70, no Brasil, e é uma diminuição da expressão Maria Sapatão. Ele explica que, há muito tempo, quando algumas mulheres optaram por usar sapatos largos, aqueles que eram de uso apenas de homens, eram maiores e menos delicados². Na grande maioria das vezes, essas mulheres eram lésbicas que procuravam desconstruir o ideal da época sobre os itens que mulheres e homens deviam usar, uma forma de “marcar território”. As mulheres sempre tiveram que manter o estereótipo, serem cultas, delicadas e inferiores. É óbvio que existem mulheres que têm pés relativamente grandes e usam sapatos grandes, nem por isso elas são mulheres homossexuais, menos mulheres, ou de grosso modo “são homens em corpo de mulheres”, porém, existe toda uma contextualização histórica sobre como deve ser o corpo e imagem feminina e provavelmente esse seja o real motivo da denominação. Nesse sentido, é possível inferir, mais uma vez, que os traços de força e grandeza estariam preservados aos homens, não às mulheres.

SAPATONA

O termo “sapatona” é uma flexão de gênero de “sapatão”, e significa uma mulher masculinizada, “uma mulher com características masculinas”. A mulher homossexual que é chamada de sapatona, como mencionado anteriormente, geralmente, são aquelas que têm traços fora dos considerados “corretos” para o sexo feminino. Esses dados nos levam a pensar em como os estudos sobre o gênero humano são importantes na desconstrução de padrões de pessoas baseados no sexo, nos aspectos fisiológicos e que também abarcam um universo em que o patriarcalismo tem bastante força. Quando entendemos o gênero como construção social, conseguimos compreender que não são apenas as funções biológicas que demarcam o gênero, mas também as funções sociais, que são socialmente diferenciadas pelo sexo. Com a desconstrução desses pensamentos, é possível pensar que não existe uma única forma de ser homem ou mulher, trata-se de formas fluídas e variadas.

Sendo assim, o termo “sapatona” tem sua história de aversão às mulheres, porque não se tinha uma ideia de gênero construída pelas pessoas, ainda não chegamos ao ní-

² Disponível em: [Você sabe como surgiu o termo “sapatão”? | Estação Plural | TV Brasil | Notícias \(ebc.com.br\)](#). Acesso em 16 de Dez. 2023.

vel de dizer que todas as pessoas chegaram a um consenso de entendimento, mas, estão sendo levantadas várias questões na atualidade que colaboram para que a população se conscientize que a melhor forma de combater o preconceito e diminuir o mal que as denominações pejorativas causam, é por meio do conhecimento sobre gênero.

Cumprе mencionar que a pejoratividade da denominação *sapatona* existe dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, pois, é comum ouvir que as mulheres que são “sapatonas”, são as que têm traços masculinizados, em contraposição temos a lésbica, que é vista como mais “feminina”. E isso às vezes implica até na posição geográfica e econômica, pois, a mulher homossexual que tem um poder aquisitivo maior, e é moradora de uma região bem-conceituada, é tratada como “lésbica” e aquela que mora em bairros periféricos, ou que tem a situação financeira abaixo do considerado para a classe alta ou média, é tratada como “sapatona” ou “sapatão”. Então, são várias questões intrínsecas nas formas de referenciar, o que pode mais uma vez comprovar, as várias possibilidades de significações que a variação pode ocasionar.

GAY

De acordo com *Cambridge Dictionary Online*, a palavra *gay* pode assumir função de substantivo ou adjetivo e, em ambos os casos, a denominação está relacionada à pessoa que tem atração sexual por outra pessoa. Mais adiante, o significado se atribuiu a uma nova ideia, a de que são “gays” aqueles que têm relações homoafetivas, denominados como “meninos alegres”. Ainda de acordo com o dicionário britânico, até o século XX, o termo tinha função de adjetivo e significava “alegre”. Assim como no inglês, a denominação faz referência tanto aos homens homossexuais, quanto às mulheres homossexuais. Contudo, essa definição não é tão aceita pela comunidade LGBDQAPN+, pois, viemos de um contexto histórico e cultural que sempre colocou a mulher à sombra do homem, sempre ele primeiro e depois ela, dessa forma, é mais aceitável que se use o termo “gay” para os homens homossexuais e “lésbica” para as mulheres homossexuais. Recentemente, houve uma ampliação semântica dessa denominação e ela passou a nomear o homem que é atraído afetivamente ou sexualmente por outros homens, sejam eles cis ou trans³.

É importante comentar que a substituição de um nome tabu por uma denominação estrangeira é uma das estratégias de tabuização, conforme explica Guérios (1979) e isso parece que ocorre com a denominação *gay*, que parece passar por um processo de aceitação e esteja tornando-se padrão na consciência social. O fato de ele aparecer entre as mais mencionadas talvez seja um sinal disso.

SAPATA

Assim como *sapatão* e *sapatona*, a denominação *sapata* significa em um sentido depreciativo, “mulher homossexual”. Cumprе observar que essa denominação está desprovida das conhecidas flexões de grau e de gênero, encontradas na denominação *sapatona*.

3 De um modo geral, homem ou mulher cis(gênero) são os indivíduos que se identificam com o sexo com o qual nasceram. A pessoa trans(gênero) é o indivíduo que não se identifica com o sexo com o qual nasceu.

A palavra “sapata” é um meio de substituição do “vocábulo tabu” ou um dismorfismo, que podemos fazer relação com sapatão ou sapatona. Essa seria uma forma menos agressiva de denotar o sexo, como é feito em *sapatona* ou a intensidade, como em *sapatão*. Isso não quer dizer que a denominação *sapata* deixe de ser tabu, se a própria homossexualidade é tabu para a sociedade moralista, qualquer palavra que faz referência a essa sexualidade seria também tabu; a própria mulher homossexual é um tabu, as palavras que as nomeiam acompanham aquilo que ela é. O que estamos buscando explicar é que existem mecanismos que buscam minimizar os efeitos negativos que as palavras, quando proferidas, podem causar, como é o caso da palavra em questão.

44

O número “44” foi dito por um dos entrevistados desta pesquisa. Assim que foi mencionada pelo participante, não conseguimos compreender que relação existe entre “44” e “pessoa do sexo feminino que se relaciona com outra do mesmo sexo”. No entanto, é possível fazer relação com o pé grande, ou seja, mais uma vez, a questão do aumentativo passa a se destacar nas denominações encontradas. Poderíamos, inclusive, correlacionar essa denominação com a Sapatão. O uso dessa denominação também chama a atenção para uma estratégia de tabu, em que o indivíduo, para não mencionar a palavra proibida, menciona a sua forma genérica ou usa um sinônimo menos pejorativo e que não estejam diretamente ligados ao objeto tabuizado.

Assim como a denominação *sapata*, *44* é uma forma de substituição de tabu bem visível. Algumas pessoas podem precisar interpretar a expressão, para que chegue a um entendimento conciso, diminuindo os efeitos que a palavra tabu poderia causar no ato da enunciação. Os meios de substituição de vocábulos tabus não implicam somente em diminuir efeitos ruins, mas também aumentá-los, torná-los ainda mais depreciativos, que não é o caso.

As escolhas dos termos, nomes, palavras de sentidos mais claros, ou que dificultam o entendimento das pessoas não são coisas feitas por acaso, como se não tivessem fundamentação. Na realidade, é natural dos seres humanos reunir informações e escolher aquilo que seja mais útil a ele, que faça sentido no momento, nas mais variadas formas de expressões da língua. Por isso, dizer que o léxico abrange um espaço gigantesco, e também é por esse motivo que a pesquisa é utilitária, para conhecermos sobre as variações e os fatores implicados nelas. É na dificuldade de se falar sobre sexualidade, que encontramos um motivo para buscar palavras diferentes para se referir a ela em todos os sentidos. Dizer *44* é visivelmente menos agressivo do que dizer *sapatão*, em que o impacto é imediato, e não se precisa de muitas informações para entendermos seu sentido pejorativo.

MACHÃO

A palavra “machão” é relacionada ao homem que, na maioria das vezes, sente-se orgulhoso de sua natureza masculinizada, muitas vezes, entendida como poderosa e com

traços de força. Também há casos em que a palavra significa dizer que o homem é “valentão”, que quer ser superior a outras pessoas e que tem traços de agressividade.

Quando uma mulher é chamada de “machão”, o que as pessoas querem denotar é que ela tem traços de masculinidade, principalmente, traços da aparência física. A mulher machão é vista como uma mulher mais forte fisicamente ou que tem traços que lembram o homem, que se veste de uma maneira “mais masculina” e que, em tese, ignoraria seus traços de feminilidade. Uma observação sobre isso é a ideia de que a mulher que tem características como ser boa líder, lidar com problemas financeiros, resolver problemas que dependem de força física, por exemplo, são sempre relacionadas à figura do homem. Sendo assim, é mais que notável como as características de um coloca o outro em posição inferior ou superior, no caso das mulheres, elas são sempre colocadas como inferiores, pois, a força, a inteligência, e a liderança, são características prescritas como de caráter masculino.

A mulher, para muitos, não deve em circunstância alguma se parecer com o homem, pois ele é um ser superior a ela. E quando ela por qualquer motivo se aproxima de alguma característica considerada específica do homem, ela é depreciada, julgada e taxada como “não mulher”. Ou algumas vezes, usam o termo em expressões como “ela só quer ser machão”, e logo percebemos que dizer que uma mulher quer se parecer com um homem é como se ela estivesse buscando adquirir as “qualidades dele”. As coisas relacionadas ao homem, dificilmente são ruins. Agora vejamos o contrário, quando dizem a um homem que ele “só quer ser mulher”, ou está parecendo uma “mulherzinha”, não evidenciamos nada que relacione às características a algo positivo, geralmente, denominações femininas direcionadas ao homem servem para diminuir o homem e colocar em xeque sua naturalidade, em outros termos, como se dissesse que o homem está sendo colocado em uma posição inferior, menos privilegiada, por se parecer com uma mulher.

BUEIRA (BOEIRA)

A ocorrência da denominação *Bueira* aconteceu apenas 1 vez dentre todas as entrevistas realizadas. Por um momento, no instante da entrevista, nos gerou um questionamento: “Em que sentido chamamos uma mulher homossexual de Bueira (Boeira)?”. O informante que a citou, disse posteriormente, que esse nome era usado antigamente para referenciar a mulher homossexual a quem a pessoa que dizia o nome, tinha alguma relação próxima, como se usasse como “um apelido carinhoso”, para não dizer “saboeira”. Neste caso, teríamos duas palavras que seriam próximas pela sonoridade. Não foi possível encontrar a denominação com esse sentido em nenhum dos dicionários analisados (Michaelis, Houaiss, Dicionário Unesp e Caldas Aulete). É importante notar também que o recurso de deformar a palavra, como bem explica Guérios (1979), é uma das manifestações do tabu, assim como acontece com Sapatona ou viada, que veremos a seguir.

A partir desses dados colhidos, conseguimos entender a natureza do termo *boeira*, que na verdade é *boeira* que vem de *saboeira*, uma abreviação que usam para não soar

pejorativo. É recorrente entre as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que os termos pejorativos sejam “normalizados”, sendo isso uma forma de resistência e identidade no grupo, uma forma de se manter enquanto um grupo não estigmatizado. Já que as pessoas insistem em chamar uma mulher de *saboeira*, a própria mulher se autodeclara *saboeira*, mas não que ela goste de ser chamada assim, xingadas e humilhadas, e adotam a identidade política como uma recusa aos ataques e posse de seu corpo e imagem.

Tratar uma mulher chamando-a de *boeira* é uma das formas de substituição do vocábulo tabu, em que se usa a abreviação como forma de amenizar os efeitos de sentidos da palavra e da sua enunciação. É evidente que chamar uma mulher homossexual de *saboeira* não é a mesma coisa que chamá-la de *boeira*. Como já dito, assim como o informante explicou, o termo abreviado é usado por pessoas próximas, que não têm intenção de agredir a mulher a quem se refere.

VEADA

Logo depois de *boeira*, temos o termo *veada*, também com 01 ocorrência. É evidente que essa denominação é uma flexão de gênero da denominação *veado*, que, conforme Silveira e Serra (2021) é a denominação mais frequente para denominar o homossexual masculino no Maranhão. Não é o *veado* o animal, com toda certeza, e sim, um substantivo usado no sentido pejorativo para se referenciar a homens homossexuais. Entretanto, *veada* não se refere somente às mulheres homossexuais. Na conversa com os participantes, foi possível aferir que, no vocabulário popular, o termo “*veada*” pode significar uma mulher que tem amizade com homens gays, que tem facilidade de interagir com eles e não necessariamente ela precisa ser homossexual, “basta andar com eles” para que tenha a denominação, comentou um dos participantes. Outro sentido que pudemos conhecer por meio desta pesquisa é o de *veada* quando se diz “criança *veada*” - que é a criança que tem movimentos e traços considerados homossexuais.

Como se pôde observar, ao longo deste texto, buscamos apresentar algumas considerações acerca das denominações mais frequentes para referenciar as mulheres homossexuais no Maranhão. Muito embora tenha sido feito um recorte de uma localidade, as mesmas denominações, com algumas exceções, já foram registradas por outras pesquisas semelhantes e que foram realizadas em municípios da região da Amazônia Legal (cf. Santos, 2023; Batista, 2019). A análise buscou mostrar que traços do espectro de uma imagem de um indivíduo homossexual está permeada pelo tabu linguístico e mostra uma imagem de um indivíduo que seria a negação do sexo oposto. A partir de traços ausentes no comportamento ou na forma física de homens e mulheres idealizados pela sociedade, é possível observar alguns estereótipos e preconceitos presentes na consciência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta inicial da pesquisa “É possível perceber, por meio da análise do léxico, o tabu linguístico referente à homossexualidade feminina?”, de certa forma pôde ser

respondida com o levantamento e análise feitos aqui. Desse modo, é possível afirmar, a partir dos dados, que as denominações dadas à mulher homossexual e a variação lexical das denominações da mulher homossexual nos apresentam muitos dados que apontam para o fenômeno do tabu linguístico que é consequência de um tabu social. As substituições de palavras, as escolhas das pessoas de um nome em detrimento ao outro, o comportamento e as reações inesperadas tudo isso justifica a presença de tabu linguístico nesse tema.

Esta pesquisa abrangeu muito mais que a percepção do tabu linguístico, nos mostrou como o tabu sobre a sexualidade humana como um todo ainda é muito forte, e ainda muito presente nas nossas formas de referenciar as pessoas homossexuais femininas, e isso é visível além do léxico, nos comportamentos e no modo como tratam da questão.

Ao longo do trabalho, buscamos pontuar a imagem de uma sociedade heterogênea, que conseqüentemente, faz uso de uma língua heterogênea e que essa variação denota uma parte da identidade dessa comunidade. A diversidade lexical demonstra a diversidade dos modos de pensar, de construir a realidade e de encarar as temáticas concernentes à sociedade como um todo, dentre elas, o léxico. O conhecimento sobre as denominações é história, é cultura e é aprendido sobre as pessoas que usam essas denominações. Não importa a religião, o grau de escolaridade, se somos homens ou mulheres, algumas coisas são compartilhadas por todos nós, os resquícios históricos perpassam nossos discursos.

Os dados da pesquisa mostram que há uma diversidade de nomes para as mulheres que assumem a homossexualidade. A ocorrência desses nomes acontece não só quando a mulher é homossexual, mas também quando ela tem alguma relação de amizade com lésbicas ou gays. Observa-se ainda que há o fato de que muitos nomes dados às mulheres têm a ver com o papel e a imagem masculina na sociedade, mostrando, com isso, uma certa violência e tabu sobre a temática. As denominações encontradas fazem referência a aspectos de força e da relação sexual homossexual entre mulheres.

Por fim, cumpre destacar que, muito mais do que analisar as denominações, a pesquisa nos permitiu observar que cada denominação tem muito a falar sobre a comunidade linguística, sobre a comunidade de falantes que lança mão dessas denominações. Desse modo, o léxico, para além de sua análise estritamente formal, também é fonte de discursos, de imaginários e ordem sociais, elementos que têm sido estudados e debatidos. Apesar das muitas discussões feitas na sociedade sobre a temática da sexualidade e sobre a homossexualidade (masculina e feminina), é possível observar que ainda impera um pensamento conservador, pautado em uma ideia de comportamento padrão que todos devem tomar como modelo. O mais importante, porém, é que, na esteira dessas discussões, alguns papéis têm se transformado e as futuras gerações poderão olhar, pelo menos é o que se espera, para a questão da sexualidade e do próprio sexo a partir de um outro prisma, menos padronizado e imposto sobre todos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Briana Connie Linda Lopes. **Aspectos dialetais do médio Amazonas**: um estudo sobre o léxico.

- Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2019.
- BIDERMAN, Biderman. As ciências do léxico. In. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Mato Grosso: UFMS, p. 02-08, 2001.
- BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo (SP), Editora UNESP, 2004.
- CARVALHO, Katryn. Dia da Visibilidade Lésbica: CRESS-SP destaca ações que fomentam lutas aos direitos das mulheres. **Observatório G**, 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/agenda/dia-da-visibilidade-lesbica-cress-sp-destaca-acoes-que-fomentam-lutas-aos-direitos-das-mulheres>. Acesso em: 03 de maio, 2023.
- CASTRO, Davi. Você sabe como surgiu o termo “Sapatão”. **Tv Brasil**, 2017. Disponível em: [Você sabe como surgiu o termo “sapatão”? | Estação Plural | TV Brasil | Notícias \(ebc.com.br\)](https://www.ebc.com.br/estacao-plural/noticias/2017/07/voce-sabe-como-surgiu-o-termo-sapatao). Acesso em: 16 de Dez. 2023.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo (SP): Parábola, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUÉRIOS, R.F. **Tabus linguísticos**. São Paulo: 2 da edição. Editora Nacional, 1979.
- LEITÃO, Eliane Vasconcelos. **A mulher na língua do povo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- S.A, Priberam Informática. Dicionário do Português Contemporâneo. **Dicionário Priberam**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> . Acesso em: 16 de dez 2023.
- SANTOS, Andreza Marcião dos. **O léxico e a cultura do projeto do Assentamento São Francisco no sul do Amazonas**. Tese de doutoramento em Estudos Linguísticos, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2023.
- SILVEIRA, T. S.; SERRA, L. H. Denominações para o “homossexual masculino” no ALiMA: lendo e discutindo imagens sociais. **Revista do GELNE**, [S. 1.], v. 23, n. 2, p. 119–131, 2021. DOI: 10.21680/1517-7874.2021v23n2ID23504. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/23504> . Acesso em: 03 de maio, 2023.
- VELASCO, Grandin, PINHONI, Farias. Brasil bate recordes em feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1 online**, 2023. Disponível em: [Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas | Monitor da Violência | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticia/2023/01/11/brasil-bate-recordes-em-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.html). Acesso em: 16 de dez 2023.